

RUA ORLANDO CARPINO

Lei nº 502 de 06-03-1951

Formada pela rua Circular nº 2 do Jardim Chapadão

Início na avenida Andrade Neves

Término na avenida Andrade Neves

Castelo

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas Miguel Vicente Cury.

ORLANDO CARPINO

Orlando Carpino nasceu em Campinas em 15-março-1910 e faleceu nesta mesma cidade, em 11-maio-1935. Era filho de Francisco Carpino e Rosina Gagliardi Carpino. Orlando Carpino foi o mais moço dos poetas campineiros e o mais bairrista de todos. Foi o fundador e o 1º presidente do Centro Literário "Dr. Quirino dos Santos", que mais tarde veio a chamar-se "Centro Campineiro de Letras" e à cuja entidade pôs à disposição sua rica biblioteca, com o intuito de proporcionar aos mais humildes, que desejassem se iniciar na vida cultural, um meio para, livremente, sem restrições, darem os seus primeiros passos. Em tudo que escrevia ou assinava, usava, às vezes, o pseudônimo de "Ruy Blaz". Fundou em 1932, o semanário "Campinas", um pequeno jornal de sua exclusiva propriedade, que, infelizmente, cessou de circular em seu 16º número, e cuja redação e oficinas funcionavam em casa de seus pais, à rua Campos Sales, 112. Em dezembro desse mesmo ano, fundou a sempre lembrada revista "Campinas", toda ela dedicada à sua terra natal e que em julho de 1933, no primeiro aniversário da Revolução Constitucionalista, foi seu número apreendido e incinerado pela polícia de Campinas. Esse número continha poesias, fotografias, funerais de voluntários, artigos belíssimos, todos referentes à grande data paulista - 9 de Julho de 1932. Por ocasião da publicação e conseqüente apreensão e incineração da "Campinas", Orlando Carpino acompanhado de um seu secretário, ficou detido por vários dias no presídio político da Liberdade, em São Paulo, onde teve por companhia Assis Chateaubriand, Menotti del Picchia, Nicanor Ortiz, entre outros. Meses depois, Orlando reeditou esse glorioso número. Durante a construção do Mausoléu do Soldado Constitucionalista, Orlando Carpino ia diariamente até o local, a fim de acompanhar sua ereção, impedindo, porém, a morte, de assistir à sua inauguração. Colaborou na campanha "Dei Ouro para o Bem de São Paulo" e por tudo isso recebeu, postumamente, a Medalha MMDC. Escreveu um livro de poesias "Poetade", dedicado à Campinas e "Aventuras de João Bibelot", contos humorísticos, ambos sem serem publicados. Em 1962, à pedido do então Secretário Estadual de Educação, o professor Solon Borges dos Reis, foi o nome de Orlando Carpino dado a uma escola, no bairro do Jardim Ouro Branco, nesta cidade.



**Lei n. 502, de 6 de Março de 1951**

Dá o nome de «Orlando Carpino» a uma rua da cidade

A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada “ORLANDO CARPINO” a atual rua circular 2 do Jardim Chapadão, como homenagem ao saudoso poeta e jornalista, fundador do “Centro Campineiro de Letras” e da Revista “Campinas”, nascido em 10 de março de 1910 e falecido em 11 de maio de 1935.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 6 de março de 1951.

**MIGUEL VICENTE CURY**  
Prefeito Municipal

Publicada na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 6 de março de 1951.

O Diretor,  
**ADMAR MAIA**



## Ruas de Campinas

(Trabalho de ALAOR MALTA GUIMARAES)

XXVII

# Orlando Carpino

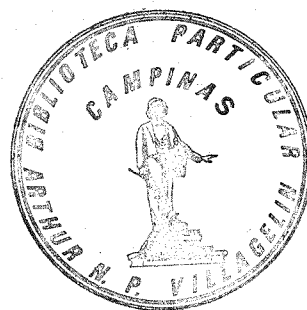
(Rua que circunda o Castelo D'Água do Chapadão, no Bairro do Chapadão).

A denominação foi dada pela lei n.º 502, de 6 de Março de 1951. Tem 10 metros de largura.

**Dados Biográficos** — Orlando Carpino, o mais moço dos poetas campineiros e o mais baírrista de todos, nasceu aos 15 de Março de 1910 e faleceu numa manhã de domingo, 12 de Maio de 1935, portanto, muito moço. Sempre devotou a Campinas, sua terra natal, verdadeira admiração, chegando, mesmo, segundo contam pessoas

de sua amizade, a ser imprudente quando alguém menosprezava a sua querida Campinas. Ele gritava à boca cheia: "eu serei teu eterno namorado, minha querida Campinas!"

Fundou o Grémio Literário "Quirino dos Santos", mais tarde Centro Campineiro de Letras. Encontrando dificuldade na manifestação do seu pensamento com relação a Campinas, fundou a sua própria imprensa, e com o seu pequeno jornal por longos anos contou a história de sua querida terra aos seus semelhantes.



ORLANDO CARPINO - Nasceu em Campinas, a 15 de março de 1910. Foi o mais moço dos poetas campineiros e o mais barristas de todos. Sua existência foi curta. Tinha por Campinas, sua terra natal, verdadeira admiração. Chegava mesmo a ser imprudente quando por este ou aquele motivo alquem a menosprezava. Orlando Carpino gritava para Campinas: "eu serei o teu eterno namorado!". Fundou o Grêmio Literário "Quirino dos Santos" mais tarde Centro Campineiro de Letras. Fundou e dirigiu um pequeno jornal, pois que sendo mal compreendido em seu amor por Campinas, preferiu na sua própria imprensa se manifestar. Faleceu numa linda manhã de domingo, dia 12 de maio de 1935.

12 de maio 1935

# Carpindo Carpino

Arita Damasceno PETTENÁ

12 de maio de 1935. Quatro horas da tarde de um domingo chelo de sol. Sendo o segundo do mês, seria fatalmente o das mães se, naquele tempo, houvesse tal homenagem. E então a Italiana Rosina Gagliardi Carpino teria, por certo, nas páginas de um jornal, o soneto que o filho lhe fizera, num dia de aniversário:

*Eu só quisera, minha mãe querida,  
ver esta data em toda a eternidade  
e usufruir eterna, essa bondade,  
— Oh! primeira razão da minha vida!*

*Es um ninho de pura santidade,  
que me sanas o mal e a atroc' ferida  
e, fitando-me assim, compadecida  
embalas o meu sonho em terna idade.*

*Sel que me queres tanto, mãe amiga,  
e que fazes do fel, doce cantiga,  
para veres feliz um filho teu.*

*Oh! Cristo, que sois mago e convívioente,  
fazei com que ela viva eternamente,  
tornando assim real o sonho meu.*

Mas nada disso aconteceu. O cristo, ouvindo o poeta, fê-la, sim, viver bastante para que pudesse ser o alento derradeiro do derradeiro Instante do poeta. E entre lágrimas de uma dor doída, Rosina dizia adeus, naquele dia, ao filho muito amado. Ele, que, diariamente, fazia sozinho a caminhada ao Cemitério da Saudade, para acompanhar, de perto, os trabalhos do monumento aos heróis de 32 — afinal ele era também preso um dia com Menotti del Picchia e Guilherme de Almeida, pelos seus ideais revolucionários — havia de partir agora, rodeado de amigos, para cumprir o determinado das coisas:

*Hei de morrer também, é a lei da vida.  
É o destino comum de toda a gente.  
A morte passa e leva, indiferente,  
sem escolher a presa adormecida...*

*Que me importa que eu morra de repente,  
sem o esporte talvez, da despedida,  
sem avisar ninguém dessa partida,  
que eu resolvo n'uma hora ingenuamente.*

*Amigo meus, que trago junto ao peito,  
eu vos imploro aqui, mui satisfeito  
meu último desejo que a alma encerra:*

*Se eu morrer noutra plaga mui distante,  
atendei meu pedido soluçante:  
— Dai-me descanso e paz na minha terra!*

E a terra campineira, musa inspiradora de todos os seus versos, deu-lhe ajuda o que pedia a mais:

*Eu quisera morrer por forma bela,  
no jardim que de encantos a revela  
sob a palma gentil d'uma palmetra!*

E hoje, quando as tardes se debruçam, sobre as campas frias da "Saudade", vêm-se ainda sobre o refúgio do poeta, o farfalhar de folhas de palmeiras, mas o silêncio total das aves tagarelas. No entanto, quase sempre madrugada a fora, dirigia-se ele para o Largo das Andorinhas, porque

*Esvoaçando sutis sobre a cidade inteltra,  
sobem, descem, voam, vagueiam pelo  
[espaço,  
um bando aqui, um lá, em lúcida carreira,  
[reira,  
deixando um risco aqui, ali um singelo  
[traço.*

E amou-as tanto e de tal maneira que não havia um só papel que lhe pertencesse que não tivesse como timbre as suas decantadas andorinhas e a sua sonhada palmeira. No entanto, naquela tarde de maio, quando tudo parecia dizer "sim" à vida, Orlando Carpino, que se assinava Ruy Blaz, e que se julgava "o mais feliz do mundo", dizia adeus ao mundo cá de fora para entrar na imortalidade dos que sonham.

Entrou na casa de Deus sem o famoso chapéu que carregava sempre na mão, por não sabê-lo usar na cabeça. Sem a gravata-borboleta de moço que gostava de se arrumar. Sem a bengala amiga que lhe acompanhava nos caminhos. Sem a forma concreta dos seus poemas, escritos todos com letra minúscula (para ele só o Cristo deveria ser escrito com maiúscula), mas levava carinhosamente consigo "a lembrança da terra campineira, terra minha e mãe e potestade".

Lá encontrou à sua espera a pequenina Angela de três anos, a outra Angela de vinte, João de 21 e Caetano de 30, estes últimos poetas como ele. Abraçaram-se. Contaram histórias. Falaram de muitas coisas. E até de "Potestade", o seu livro de versos que a morte impediu de publicar. De repente um soluço vara o infinito. E os irmãos contemplam lá do alto que cá embaixo, vestida ainda de preto de o primeiro filho que perdera, dos treze que tivera, há uma mulher que chora inconsolável a morte do seu filho poeta. E Rosa Gagliardi Carpino, figura da mãe sofrida mas sem revolta que já não vence a saudade de seu filho. O filho para quem ela abriu as portas de suas salas para que os seus sonhos de moço idealista fundassem ali a revista, o jornal e o centro literário Campineiro, elevando cada vez mais alto o nome de Campinas. O filho para quem ela tinha sempre um sorriso e um cafézinho nas reuniões em se aglomeravam, trinta, quarenta jovens da terra de Carlos Gomes. O filho que tudo dera a Campinas sem nada pedir e que hoje — quase quarenta anos já passados — nem recebeu, como gratidão póstuma, a publicação de sua obra "FOTESTADE", ainda que seja toda ela um cântico de ternura à Terra de Barreto Lema.



## EDUCAÇÃO E ENSINO

Orlando Carpino:  
meio século depois

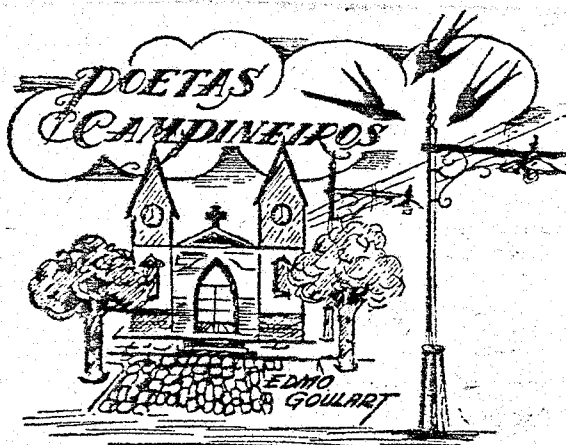
Há em Campinas uma escola com o nome de Orlando Carpino. Fica no Bairro do Jardim Ouro Branco, pertinho do J. Proença, e foi criada em 62, a pedido do então Secretário da Educação, professor Sólton Borges dos Reis. Das muitas homenagens, que Orlando, enamorado de Campinas, recebeu, talvez, esta tenha sido a melhor: patrono de uma escola, seu nome repetido centenas de vezes, todos os dias, e escrito ao alto das lições: EEPG Orlando Carpino.

Mas, quem foi este homem, falecido há 50 anos, e ainda lembrado com saudades pelos amigos, e reverenciado em casa pelas irmãs Leontina e Yolanda? Foi um grande jornalista, poeta e patriota, colhido muito cedo pela morte. Tinha apenas 25 anos de idade, quando faleceu, num sábado, 11 de maio de 1935. Orlando foi um moço idealista, um poeta que cantou sua terra, e em especial sua cidade. Deixou um livro de poesias, ainda não publicado, o que vai acontecer com toda a certeza ainda este ano. Mas poesias esparsas ele as deixou em quantidade, estrofes inflamadas de moço; como estas sobre Campinas: "Eis minha terra, o que te dou agora/ Um campanário para tua beleza/ Onde te cantarei com sinegeleza/ Tão simplesmente, pobremente embora/ Hei de te erguer um hino de grandeza/ Nesta tribuna que se descolora/ Neste bairrismo que em minh'alma, mora. Por ti Canaan de rara boniteza/ Quero cantar-te aqui, eternamente/ Tudo o que é belo e teu, unicamente Que te venera, berço grande e bravo./Recebe esta canção que te dedico/ Enquanto eu, me enamorando fico/ Sob os teus pés um miserando escravo"

Vários poemas eles os dedicou a Campinas, cantando suas palmeiras, as andorinhas, as tradições da cidade, que foi seu berço e seu túmulo.

Carpino fundou um jornalzinho manuscrito, e depois datilografado; um centro literário "Quirino dos Santos", do qual foi presidente, frequentado por estudantes; lançou também o periódico Campinas, que, infelizmente, desapareceu em seu 16º número, e cuja redação e oficinas funcionavam em casa de seus pais, à rua Campos Sales, 112; e ainda fundou uma revista "Campinas", da qual foram editados 19 números. Como entusiasta da Revolução de 32, foi preso no Presídio Político da Liberdade, por alguns dias, onde teve como colegas Menotti del Picchia, Assis Chateaubriand e Nicanor Ortiz, entre outros. Colaborou na Campanha "Dei Ouro para o Bem de S. Paulo", e por tudo isso recebeu, postumamente, a Medalha MMDC e a Medalha da Constituição. Em rápidos traços assim foi Orlando Carpino: um entusiasta defensor de sua terra, um poeta repleto de inspiração e de vida. Morreu muito cedo, como dissemos, e como morriam os poetas românticos. Mas seu nome merece ser lembrado pela juventude de hoje por muitos motivos: pelo amor que dedicou às letras; pela veneração à terra natal; pela coragem em defendê-la sempre.





## IV - Orlando Carpino

EDMO GOULART

Nasceu em Campinas, aos 15 de março de 1910. Bairrista extremado que era, fundou o semanário "Campinas" que mais tarde se transformou na saudosa revista "Campinas", tendo contado nessa iniciativa, com a colaboração do seu grande amigo Silvio Silva (Tango Roxo), hoje afastado das lides jornalísticas.

Durante a sua tão curta existência, nunca deixou de, um só instante, contar as grandezas de sua terra natal, que amou profundamente.

Fundou o "Grêmio Literário Quirino dos Santos", mais tarde "Centro Campineiro de Letras", do qual era seu presidente honorário.

Sobre êle, a respeito do seu passamento, conta a revista "Campinas", "que foi o bairrista que a cidade por certo mais sentiu perder, porque era êle, com sua mocidade fecunda de nobres ideais, o divulgador mais vibrante e sincero das belezas e tradições desta terra".

Sob o pseudônimo de "Rui Blaz" tornou-se conhecido nos meios intelectuais do Brasil inteiro.

Deixou em preparo um livro de poesias intitulado "Potestade", dedicado a Campinas e "Aventuras de João Bibelot", conto humorista.

Dentre suas obras poéticas destacam-se:

### "EU"

Vêm me passar alegre e sorridente,  
Na artéria principal: Rua Barão  
E pergunta-me a turba intransigente:  
— Porque tu andas de chapéu na mão?

E sigo meu caminho, indiferente  
À pergunta que fazem sem noção  
E ao povo que me diz tão descontente:  
— Porque tu andas de chapéu na mão?

E rio da turba incauta e incomodada  
Que fita-me ao passar, toda enervada  
E a suplicar-me uma resposta, em vão.  
Sigo risonho e surdo ao grito oriundo:  
E continuo, o mais feliz do mundo  
— Cabelo ao vento e de chapéu na mão!

### "NO FIM"

Quando eu hei de morrer, senhor imploro  
Não me deixeis partir sem a lembrança  
Desta terra que é livida bonança  
Desta terra tão minha, por quem oro.

Em não a vendo mais — desesperança  
Terra sublime e grata que eu adoro  
Doido berço feliz, por quem eu choro  
Por quem nutro, doirada, uma esperança.

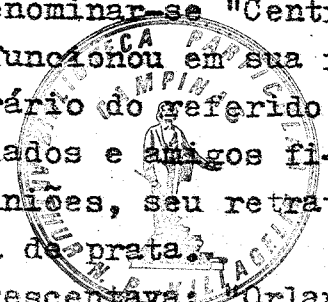
Quando eu hei de morrer, meu Cristo amigo  
Eu quisera levar, também, comigo,  
A lembrança da terra Campineira.  
Eu quisera morrer por forma bela.  
No jardim que de encantos a revela  
Sob a palma gentil de uma palmeira.

Morreu aos 11 de maio de 1935, com 25 anos de idade, sendo o seu corpo sepultado no Cemitério da Saudade, na quadra 2-a. sob o n.º 133.

ORLANDO CARPINO

Orlando Carpino faleceu em Campinas em 11-anio-1935.

Foi fundador e 1º presidente do Centro Literário "Dr. Quirino dos Santos", o qual mais tarde passou a denominar-se "Centro Campineiro de Letras", cuja biblioteca sempre funcionou em sua residência. Tornou-se mais tarde Presidente Honorário do referido centro, ocasião em que a nova diretoria, associados e amigos fizeram inaugurar (ainda em vida), na sala de reuniões, seu retrato com significativas palavras gravadas numa placa de prata.



Em tudo quanto escrevia ou assinava, acrescentava: "Orlando Carpino (ou Ruy Blaz) - o mais feliz do mundo!". Fundou em 1932, o semanário "Campinas" (jornal pequeno) e de sua exclusiva propriedade), o qual em dezembro do mesmo ano, passou a ser a gloriosa revista "Campinas", toda ela dedicada à sua terra natal e em julho de 1933, 1º aniversário da Revolução Constitucionalista foi apreendida e incinerada pela policia de Campinas. Esse número contém poesias, fotografias, funerais de voluntários, artigos belíssimos, todos referentes à grande data dos paulistas - 9 de Julho de 1932. Por ocasião da publicação e consequente incineração da "Campinas", Orlando Carpino acompanhado de um seu secretário, ficou detido por vários dias em São Paulo, juntamente com grandes jornalistas-poetas de "A Cigarra", como Menotti Del Picchia, Assis Chateaubriand e outros da Capital, como presos políticos. Alguns meses depois, Orlando Carpino reeditou esse glorioso número. Durante a construção do Mausoléu do Soldado Constitucionalista, ia diariamente ao Cemitério da Saudade, acompanhando passo a passo a majestosa obra, mas não alcançou sua inauguração. A causa constitucionalista apaixonou-o extremamente. Iniciou um pequeno museu sobre a revolução paulista, conservado até hoje por seu parentes.

Fundou o Centro e a revista com o intuito de proporcionar a todos aqueles que, desde os mais humildes, desejassem de iniciar na vida cultural de Campinas, um meio para livremente, sem restrições, dar os primeiros passos: dispondo de sua magnífica biblioteca, expondo seus trabalhos à apreciação da Diretoria nas reuniões do Centro e em seguida publicando-os, desinteressadamente, nas páginas de "Campinas".

A revista a principio era preparada em sua propria residência e mais tarde em oficinas próprias, em prédio comercial mais amplo e sempre à disposição de outros colegas para imprimirem seus jornais e folhetos.